UM PERCURSO... UM EXEMPLO

INTEGRAÇÃO DE ALUNOS DEFICIENTES NA ESCOLA PREPARATÓRIA DE PARANHOS

□ Maria Eduarda Pinho

□ Presidente do Conselho Directivo da Escola

Historial do ensino integrado na Escola Preparatória de Paranhos

Este estabelecimento de ensino encontra-se situado numa zona da cidade do Porto onde proliferam institutos de apoio a crianças deficientes, desde invisuais, deficientes auditivas, com paralisia cerebral e deficientes motores, sendo, desde 1979 a 1987, a única Escola Preparatória existente na freguesia de Paranhos.

Devido à sua situação e ao tipo de construção e fácil acesso, começaram a surgir solicitações para a integração de crianças deficientes nas turmas.

Iniciou-se assim, numa primeira fase, a integração de crianças portadoras de deficiência auditiva.

I — NÚCLEO DE DEFICIENTES AUDITIVOS

Sob a alçada do, então, Ministério da Saúde e Assistência, foi criado o serviço de apoio aos alunos deficientes que omeçaram a aparecer nas escolas preparatórias e secundárias.

Uma vez criados esses serviços, foi sentida a necessidade de fazer um levantamento dos alunos integrados nessas scolas. Foram detectados alunos com hipoacusia, surdez ligeira, sudez média, surdez severa e surdez profunda.

mo estes alunos se encontravam dispersos por várias escolas da cidade do Porto e ainda em outras localidades, ouve necessidade de uma centralização dos mesmos alunos, para que a sua integração fosse real não *só a nível social, as também pedagógico.*

As aulas de apoio que vinham sendo dadas pela equipa de apoio nas salas do Internato António Cândido assaram para a Escola Secundária de Aurélia de Sousa, onde funcionava uma secção da Escola Preparatória Gomes eixeira.

Para que o Núcleo surgisse, foi necessário nomear um professor responsável, o qual teria de ficar ligado ao inistério da Educação, pelo que findava a sua comissão de serviço no M.A.S..

Nesta altura, os professores da, então, secção da E. P. Gomes Teixeira começaram a sentir dificuldades e fizeram ma proposta de trabalho que foi aprovada.

Surgiu, então, o Núcleo em 1978/79, com professores destacados.

Com a abertura da Escola Preparatória de Paranhos, em 1979, foi extinta a secção da E. P. de Gomes Teixeira e o úcleo passou para este estabelecimento de ensino.

II — ESTRUTURAÇÃO E FUNCIONAMENTO DO ENSINO DE ALUNOS DEFICIENTES AUDITIVOS NESTE NÚCLEO, DESDE O INÍCIO

A organização deste tipo de ensino baseou-se, inicialmente, numa proposta apresentada pelos professores do úcleo, em Julho de 1978, e que foi aprovada na íntegra pelo Senhor Director-Geral do Ensino Básico, que passamos eferir nos pontos fundamentais:

1. **Proposta aprovada para o ano lectivo de 1978/79**

1.ª Via — INTEGRAÇÃO PLENA

Os alunos deficientes auditivos participam em todas as actividades lectivas dos colegas ouvintes, tendo mais dois npos lectivos nas disciplinas de Português, Francês, E. Sociais/ História, C. Natureza e Matemática, ministrados os respectivos professores. O currículo passa a ser o seguinte:

Português	5 + 2 tempos lectivos.	Matemática	4 + 2 tempos livres.
Francês	4 + 2 tempos lectivos.	E. Visual	3 tempos livres.
E. Sociais/ História	3 + 2 tempos lectivos.	T. Manuais	3/4 tempos livres.
C. Natureza	3 + 2 tempos livres.	E. Musical	2 tempos livres.
		E. Física	3 tempos livres.

INTEGRAÇÃO DE ALUNOS DEFICIENTES NA ESCOLA PREPARATÓRIA DE PARANHOS

2.ª Via — INTEGRAÇÃO PARCIAL:

Os alunos deficientes auditivos participam em todas as actividades dos colegas ouvintes nas diciplinas de E. Visual, E. Física, T. Manuais e E. Musical.

As restantes disciplinas ser-lhe-ão ministradas em separado, pelo mesmo professor da turma.

O currículo passa a ser o seguinte:

Português ..... 5 + 1 Francês ..... 4 + 1 E. Sociais/História ..... 4 + 1 C. Natureza ..... 3 + 1 Matemática ..... 4 + 1	Nestas disciplinas os alunos deficientes auditivos têm mais uma hora em relação ao currículo normal.	E. Visual ..... 3 T. Manuais ..... 3/4 E. Musical ..... 2 E. Física 3	

2.2. Em 1980/81, a integração plena funcionou com a seguinte alteração ao currículo definido:

Educação Musical — 2 + 1 tempos lectivos.

Na integração parcial o currículo sofreu a seguinte alteração:

Português — 5 + 2 tempos lectivos.

Entretanto, nesse ano lectivo, para dar atendimento a um grupo de alunos surdos com características específicas, foi criada uma "turma experimental", em cujo ensino se verificaram grandes diferenças em relação ao dos restantes colegas surdos.

O ensino, nessa turma, estava organizado em 3 áreas, com os seguintes tempos lectivos, e em que se integravam as disciplinas a seguir referidas:

# Área da comunicação	— 10 tempos lectivos:	Português, Educação Visual.
# Área da observação	— 10 tempos lectivos:	Estudos Sociais, Matemática, C. Natureza.
# Área da pré-profissionalização	— 10 tempos lectivos:	Musicoterapia, E. Física, Terapia da fala.

Para a pré-profissionalização de alunos surdos recorria-se, para além da Escola, a empresas e a estabelecimentos de ensino, exteriores à própria escola.

Assim: para a aprendizagem de encadernação, carpintaria, composição e tipografia recorreu-se às oficinas de S. José;

para a aprendizagem de electrotecnia, trabalhos em madeira, fotografia, máquinas de tricotar e dactilografia, a escola era auto-suficiente.

Esta experiência só se manteve durante dois anos, por não surgirem mais alunos caracterizados por:

a) recuperação tardia,
b) fraco desenvolvimento linguístico,
c) níveis etários bastante elevados.

Os alunos foram encaminhados para a via profissional.

2.3. No ano lectivo de 1981/82, foi criado, a título experimental, o ensino unificado.

Os alunos deficientes auditivos que frequentavam o ensino unificado participaram em todas as actividades lectivas dos alunos ouvintes, nas disciplinas de E. Física e Desenho, tendo nesta última disciplina mais três tempos lectivos, pois tinham um currículo semelhante aos cursos técnicos de artes e ofícios, que melhor se coadunavam com as suas possibilidades e lhes permitiam uma melhor realização pessoal, no presente e para o futuro.

Não estudavam uma segunda língua estrangeira, mas tinham musicoterapia (3 tempos lectivos).

As restantes disciplinas (Português, Francês, História, Geografia, C. Natureza/Biologia, Físico-Química, Matemática) eram-lhes ministradas em separado, pelo professor da turma, tendo os mesmos tempos lectivos semanais que os alunos ouvintes, com excepção do Português em que tinham mais dois tempos.

Nem sempre frequentavam com os respectivos colegas ouvintes as aulas de Trabalhos Oficinais, ocupando-se, então, em áreas orientadas para a pré-profissionalização, como fotografia, dactilografia, carpintaria, encadernação, tipografia e confecção de malhas.

Presentemente, os alunos deficientes auditivos, quando terminam o 6.º ano de escolaridade, são encaminhados para uma das escolas secundárias do Porto: Infante D. Henrique ou Soares dos Reis, com o currículo normal, mas integrados parcial ou plenamente, conforme o grau de deficiência.

2.4. No ano de 1983/84, o currículo do 9.º ano para a integração parcial era o seguinte:

Português, Francês, História, Geografia, Matemática, Biologia, Saúde, Física, Desenho, E. Física e ainda três horas de apoio, duas horas de treino auditivo e quatro horas de orientação vocacional.

2.5. A partir de 1983/84, o currículo, que ainda hoje se mantém, para a integração plena, passou a ser o seguinte:

Português, Francês, E. Sociais/História, C. natureza, Matemática, E. Visual, E. Física, T. Manuais. R. e Moral com as horas lectivas normais, e ainda seis horas de apoio, distribuídas pelas disciplinas nas quais os alunos revelam dificuldades.

O currículo para a integração parcial é o seguinte:

Português, Francês, E. Sociais/História, C. Natureza e Matemática. Estas disciplinas são ministradas em separado na turma.

Nas disciplinas de E. Visual, E. Física e Trabalhos Manuais os alunos deficientes auditivos encontram-se integrados na turma.

Ainda fazem parte do currículo três horas de aulas de desenvolvimento da linguagem, três horas de treino auditivo e quatro horas de orientação vocacional.

2.6. Nível etário dos alunos deficientes auditivos.

Em 1978/79, as suas idades oscilavam entre 18 e 19 anos.

Em 1980/81, as suas idades oscilavam entre 17 e 18, começando-se a notar, a partir deste ano, a frequência de alunos surdos com idades cada vez mais próximas do nível etário normal (10-13 anos).

Actualmente as idades variam entre os doze e os quinze anos.

2.7. Frequência de alunos deficientes auditivos.

QUADRO RESUMO

Ano Lectivo	5.º ano 1.ª vez	5.º ano 2.ª vez	Total	6.º ano 1.ª vez	6.º ano 2.ª vez	Total	OBSERVAÇÕES
1981/82	7	2	9	18	2	20	13 alunos concluíram o ciclo. Dois alunos foram trabalhar.
1982/83	7	—	7	7	3	10	Dos alunos que concluíram o ciclo, 2 foram trabalhar. 15 alunos continuaram a estudar.
1983/84	8	—	8	7	1	8	Dos alunos que concluíram o ciclo, 3 foram trabalhar. Continuaram a estudar 20 alunos.
1985/86	15	4	19	12	1	13	Dos alunos que concluíram o ciclo, 8 foram trabalhar. Continuaram a estudar 24 alunos.
1986/87	27	1	28	18	—	18	Dos alunos que concluíram o ciclo, um foi trabalhar. Continuaram a estudar 35 alunos.
1987/88	10	1	11	27	1	28 + 3 do 7.º Ano	Surdez ligeira: 2 — surdez severa: 28 Surdez média 4 — surdez profunda: 8

3 — CORPO DOCENTE DO NÚCLEO DE DEFICIENTES

3.1. Inicialmente o corpo docente do Núcleo era constituído, na sua maioria, por professores efectivos, destacados.

A maior parte deles teve a oportunidade imediata de participar em acções de formação levadas a efeito pela Divisão do Ensino Especial, de que se realçam as do professor sueco Kenneth Eklindhen.

O grupo de professores do Núcleo ainda se mantêm, actualmente, nesta experiência, tendo-se efectivado nesta escola sete professores, ao longo dos dez anos de existência do Núcleo, e ainda se mantêm em regime de destacamento nove professores, incluindo a coordenadora.

3.2. Todo este grupo de professores é coordenado, desde o início por uma professora especializada e com experiência no Ensino de Deficientes Auditivos, que constitui, também, elo de ligação e de coordenação entre a D.E.E. e a escola, os professores, os alunos surdos e os respectivos encarregados de educação, desempenhando tarefas pedagógicas e de apoio.

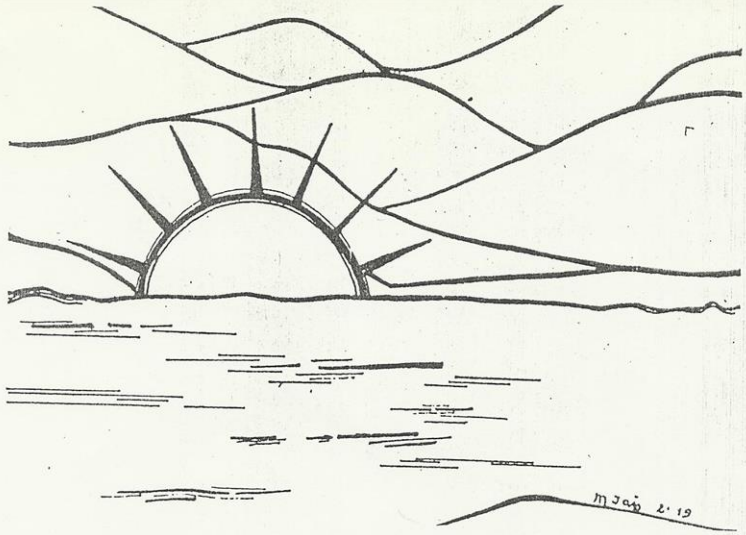
3.3. Em 1980/81 e 1982, estava integrado no Núcleo um psicólogo que prestou a sua colaboração junto dos professores e alunos, tomando parte em muitas reuniões semanais, observando e acompanhando o desenvolvimento dos alunos, cooperando com todos os intervenientes no processo educativo para superação das dificuldades surgidas.

4 — INTEGRAÇÃO DE CRIANÇAS PORTADORAS DE OUTRO TIPO DE DEFICIÊNCIAS

4.1. A integração destes alunos em turmas constituídas, no máximo, por 20 alunos, iniciou-se no ano lectivo de 1983/84 com 3 invisuais e um aluno com paralisia cerebral.

A partir desse ano, as solicitações têm sido constantes, quer do Centro de Paralisia Cerebral do Porto, quer de outras instituições para crianças deficientes, sendo o seu número constante do quadro seguinte:

Ano Lectivo	5.º ano 1.ª vez	5.º ano 2.ª vez	6.º ano 1.ª vez	6.º ano 2.ª vez	7.º ano 1.ª vez	OBSERVAÇÕES
1983/84	4	—	—	—	—	3 invisuais. 1 de paralisia cerebral.
1984/85	1	—	4	—	—	4 invisuais. 1 de paralisia cerebral.
1985/86	16	—	11	—	—	Alunos com problemas comportamentais e alguns com "défices" intelectuais.
1986/87	3	3	13	—	—	1 deficiente motor. 2 deficientes intelectuais. 13 com problemas comportamentais.
1987/88	4	4	5	—	1	Alunos deficientes motores, deficientes intelectuais e com problemas comportamentais.



Todos estes alunos, além das aulas curriculares normais, têm aulas suplementares de apoio nas disciplinas em que evidenciam maiores dificuldades de aprendizagem (no máximo de 6 horas), de acordo com a legislação em vigor.

4.2. No ano de 1985/86 foi constituída, com autorização superior, uma turma de alunos com problemas comportamentais e "déficits intelectuais".

Essa experiência foi desgastante para os professores, optando-se, em 1987/88, por distribuir esses alunos por várias turmas reduzidas, cabendo no máximo, a cada turma, 4 alunos com deficiências semelhantes.

5 — CORPO DOCENTE

O corpo docente, praticamente o mesmo, desde o início, é constituído por professores efectivos da Escola, sem especialização, mas que se prontificaram a leccionar as turmas onde estão integrados esses alunos.

Estes professores são apoiados, semanalmente, por uma professora de apoio da Divisão Ensino Especial, que encaminha as crianças para os psicólogos, psiquiatras, consultas médicas e faz contactos com a Assistente Social da zona.

Só recentemente é que os professores tiveram oportunidade de frequentar acções de formação, organizadas, umas pela D.E.E., outras pela Escola Superior de Educação.

Tem sido preocupação dos professores do Núcleo de Deficientes Auditivos e dos professores que estão ligados a outras experiências com alunos deficientes sensibilizar os docentes e não docentes para os problemas destes alunos. Para o efeito, e desde que existe ensino integrado nesta escola, têm-se realizado acções no sentido de esclarecer e orientar na maneira como se deve lidar com deficientes auditivos.

Todo este trabalho tem contribuído para que toda a "família escolar" se interesse e participe na importante acção de integração.

Pela aceitação verificada no dia a dia, constatamos que a integração de alunos portadores de deficiência é real e efectiva.

Sentimos que os alunos portadores de deficiências participam, juntamente com os outros, nas actividades livres da escola, no bufete, na cantina, nos jogos no polivalente e nos recreios. Não se verificam problemas a nível de colegas. É mais comum a existência de atritos dentro do próprio grupo.

Também tem sido preocupação desta escola sensibilizar, principalmente a comunidade, pelo que dedicamos anualmente uma semana ao ensino integrado — "Semana do deficiente" — com distribuição de programas pelas escolas, Juntas de Freguesia, Paróquias, Instituições, etc. sendo a sua divulgação, a nível nacional, feita através da T.V., Rádio e Imprensa.

Algumas das actividades desta semana decorrem num pavilhão da Escola com condições acústicas adaptadas a alunos deficientes auditivos.

Os professores das turmas de integração, em contacto com a realidade "aluno deficiente", com êxitos e fracassos, sentidos e vividos no quotidiano, provocados por carências de vária ordem, continuam a não manifestar qualquer desânimo na sua função educadora e de formação.